UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

MACLOFF PEREIRA GOMES

A DANÇA NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE DAS REVISTAS CIENTÍFICAS DA ÁREA (2000 A 2018)

VITÓRIA
2019

MACLOFF PEREIRA GOMES

A DANÇA NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE DAS REVISTAS CIENTÍFICAS DA ÁREA (2000 A 2018)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Educação Física.
Orientador: Prof. Dr[a] Ana Claudia Silverio Nascimento.

VITÓRIA
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

A comissão examinadora, abaixo assinada, aprova o

Trabalho de conclusão de curso

A DANÇA NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE DAS REVISTAS CIENTÍFICAS DA ÁREA (2000 A 2018)

Elaborado por

MACLOFF PEREIRA GOMES

COMISSÃO EXAMINADORA

Ana Claudia S. Nascimento

Prof. Drª Ana Claudia Silverio Nascimento (orientadora)

Milainy Ludmila Santos Goulart

Prof. M.ª Milainy Ludmila Santos Goulart

Sandra S. Della Fonte

Prof. Drª Sandra Soares Della Fonte

Vitória, 16 **de** dezembro **de** 2019.

DEDICATÓRIA

A Universidade Federal do Espírito Santo e ao Centro de Educação Física e Desportos, meu respeito e admiração.

A Prof. Drª Ana Claudia Silverio Nascimento, pela importante contribuição na minha formação no campo acadêmico, minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a natureza e ao universo por me possibilitar chegar até aqui e poder desenvolver esse trabalho em tempos difíceis para ciência, e as Universidades Federais do Brasil.

Agradeço aos meus pais Epaminondas Simões Gomes e Tânia Pereira de Souza Gomes pela possibilidade de existência, e destaco à Sr.ª minha mãe, Tânia Pereira de Souza Gomes, por ter sido a principal norteadora no meu processo formativo em quanto pessoa, por te me educado, criado, alimentado e principalmente, ter feito de mim um corpo ativo em meio ao caos.

Agradeço aos meus irmãos Luiz Cláudio Santos Gomes e Tuany Pereira Paixão, que sempre me proporcionam momentos de alegria.

Agradeço aos (as) amigos (as) que fiz e tenho, e que me possibilitam diversos sentimentos bons, e que geram movimentos no meu contexto pessoal, profissional e social.

Agradeço a Universidade Federal do Espírito Santo e ao Centro de Educação Física e Desportos pelos ensinamentos pra vida, depositados em mim.

Agradeço a Prof. Drª Ana Claudia Silverio Nascimento pela orientação do trabalho de conclusão de curso e pelas excelentes conversas durante minha formação inicial.

Por último, e não menos importante, agradeço a todos que estão lendo e leram o trabalho.

EPÍGRAFE

“É preciso ter o caos dentro de si para gerar uma estrela dançante.” (Friedrich Nietzsche)

RESUMO

Apresenta levantamento e caracterização da produção científica sobre a temática “dança na formação em educação física” no período de 2000 a 2018, em seis revistas científicas brasileiras classificadas dos extratos superiores do Qualis Capes do quadriênio 2013-2016 (Movimento, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista da Educação Física (UEM), Licere, Motrivivência e Pensar a Prática). Buscou identificar a distribuição temporal dos artigos por revistas; a produção pela filiação institucional dos autores; a distribuição da produção pela natureza da instituição profissional dos autores; a distribuição dos autores por região; a distribuição dos artigos por titulação dos autores; a distribuição dos autores por gênero, a distribuição da produção por tipo de autoria nas revistas; a tipologia dos textos, além de buscar compreender a temática tratada nos textos. Quanto ao objetivo, o estudo classifica-se como pesquisa exploratória e quanto aos procedimentos, como pesquisa bibliográfica. Para seleção do *corpus* de pesquisa, procedeu-se a leitura dos sumários de todos os números publicados pelas revistas que analisaram a dança na formação em educação física. Existindo dúvida, procedeu-se à leitura do resumo excluindo aqueles que não apresentavam uma leitura clara a temática do trabalho. Das seis revistas analisadas, três não publicaram artigos sobre o tema (Revista da Educação Física (UEM), Licere e Motrivivência). Dos artigos publicados pelas revistas durante o período analisado, apenas oito tratam sobre o tema abordado, representando (0,15%) da produção. A Pensar a Prática foi a que publicou maior quantidade (5). Na distribuição temporal, destaca-se o ano de 2015, com duas publicações. A Região Sul se destaca por possuir o maior número de autores (10) e a UFPI como a instituição com maior filiação (5). As universidades públicas são as que detêm o maior número de publicações (7). Na caracterização dos autores, verificamos que os oito artigos foram escritos por vinte e dois autores. Desses, seis são homens e dezesseis são mulheres. Do total de autores em que foi possível identificar a titulação (18), sete são mestres que foram responsáveis por cinco publicações (62,5%). Predomina a autoria coletiva com seis publicações.

Palavras-Chave: Dança; Educação Física; Formação; Produção Científica.

ABSTRACT

It presents a survey and characterization of the scientific production on the theme "dance in physical education" from 2000 to 2018, in six Brazilian scientific journals classified from the higher extracts of the Qualis Capes of the quadrennium 2013-2016 (Movimento, Brazilian Journal of Sciences of the Sport, Physical Education Magazine (UEM), Licere, Motrivivência and Think Practice). It sought to identify the temporal distribution of articles by journals; production by institutional affiliation of the authors; the distribution of production by the nature of the professional institution of the authors; the distribution of authors by region; the distribution of articles by title of the authors; the distribution of authors by genre, the distribution of production by type of authorship in journals; the typology of the texts, besides seeking to understand the thematic treated in the texts. Regarding the objective, the study is classified as exploratory research and procedures, as bibliographic research. To select the research corpus, we proceeded to read the summaries of all the numbers published by the magazines that analyzed dance in physical education. If there was any doubt, the abstract was read excluding those who did not have a clear reading on the subject of the paper. Of the six journals analyzed, three did not publish articles on the topic (Physical Education Journal (UEM), Licere and Motrivivência). Of the articles published by the journals during the analyzed period, only eight deal with the theme, representing (0.15%) of the production. Think Practice was the one that published the most (5). In temporal distribution, the year 2015 stands out, with two publications. The South Region stands out for having the largest number of authors (10) and UFPI as the institution with the largest affiliation (5). Public universities hold the largest number of publications (7). In the characterization of the authors, we verified that the eight articles were written by twenty-two authors. Of these, six are men and sixteen are women. From the total of authors in which it was possible to identify the titration (18), seven are masters who were responsible for five publications (62.5%). The collective authorship with six publications predominates.

Keywords: Dance; PE; Formation; Scientific production.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição temporal dos artigos.

Gráfico 2 – Distribuição temporal dos artigos por revista.

Gráfico 3 – Distribuição dos autores pela filiação institucional.

Gráfico 4 – Distribuição da produção pela natureza da instituição.

Gráfico 5 – Distribuição dos autores por região.

Gráfico 6 – Distribuição dos autores pela titulação.

Gráfico 7 – Distribuição dos autores por gênero por revista.

Gráfico 8 – Distribuição da produção por tipo de autoria.

Gráfico 9 – Distribuição da produção por tipo de autoria nas revistas.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de artigos publicados nas revistas.

Tabela 2 – Artigos selecionados.

Tabela 3 - Autoria dos artigos.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABEC – Associação Brasileira dos Editores Científicos.
BIREME – Biblioteca Regional de Medicina.
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa.
CONFEF – Conselho Federal de Educação Física.
EF – Educação Física.
ESEFID – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.
FAMATH – Faculdade Maria Thereza.
FAPAG – Faculdade Porto das Águas.
FAPESP – Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos.
IBBD – Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação.
IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.
IES – Instituição de Ensino Superior.
IFMT – Instituto Federal de Mato Grosso.
RBCE – Revista Brasileira de Ciências do Esporte.
SciELO – *Scientific Eletronic Library Online* (Biblioteca Eletrônica Científica *Online*).
SUD – Sistema Universal de Dança.
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina.
UEM – Universidade Estadual de Maringá.
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
UFBA – Universidade Federal da Bahia.
UFG – Universidade Federal de Goiás.
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais.
UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso.
UFPI – Universidade Federal do Piauí.
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.
UGF – Universidade Gama Filho.
UnC – Universidade do Contestado.
UNESP – Universidade Estadual Paulista.
UNIOEST – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
UNOCHAPECÓ – Universidade Comunitária da Região de Chapecó.
UNOESC – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....13
1.1METODOLOGIA.....15
2. REVISTAS CIENTÍFICAS COMO CANAIS DE DIVULGAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA 17
2.1 O SURGIMENTOS DAS REVISTAS CIENTÍFICAS NO BRASIL.....18
2.2 A AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA.....20
3.A DANÇA NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....25
3.1 O ENSINO DE DANÇA NO BRASIL.....30
4.APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS.....34
4.1 TEMAS ABORDADOS NOS ARTIGOS.....47
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....55
REFERÊNCIAS.....56

1.INTRODUÇÃO

Entre os principais indicadores de desenvolvimento de um país, encontra-se a produção científica, pois, segundo explica Alves (2013, p. 14), “[...] o desenvolvimento econômico, político e social de um país está intimamente relacionado ao crescimento da ciência e tecnologia”. Em função disso, as pesquisas científicas têm sido priorizadas por países que visam ao desenvolvimento da sociedade e de novas tecnologias fazendo com que eles se tornem os maiores produtores e fomentadores de novos trabalhos científicos publicados no mundo (FAPESP, 2010).

Buriti e Buriti (1999, p. 171), com base em Witter (1997) e Domingos (1999), afirmam que “[...] o produto da ciência é denominado produção científica, expressão que engloba processos e produtos distintos, bem como pessoas, associações, agências financiadoras e seus múltiplos consumidores”. Na visão de Lourenço, citado por Buriti e Buriti (1999), a produção científica corresponde à toda produção documental sobre determinado assunto de interesse de uma comunidade e que contribuiu para o desenvolvimento da ciência. Já para Menezes, citado por Buriti e Buriti (1999, p. 171), a produção científica é o

> [...] o conjunto de estudos realizados por pesquisadores de diversas áreas, gerando conhecimento, sendo este aceito pela comunidade científica, e os resultados dos estudos, divulgados em veículos de comunicação formal, informal e não convencional.

De acordo com Witter, citada por Malozze (1999), a produção científica está diretamente relacionada com os cursos de pós-graduação, quer pelo seu fazer científico, quer pelo seu papel na formação de professores e pesquisadores. Além disso, seu produto é importante promotor de independência científica, tecnológica e, consequentemente, econômica e política.

Assim, podemos compreender que a avaliação do “produto do conhecer” na área de formação inicial e pós-graduação, que se dá por meio da elaboração de artigos,

livros, teses e outros, serve para gestão e execução de políticas no intuito de uma melhoria na compreensão de ciência na comunidade científica, empresarial e de outra natureza, com intuito de fomentar tecnologia para uma competitividade econômica e benefícios nas condições sociais (FAPESP, 2010).

Além disso, Domingos (1999) afirma que os estudos sobre produção científica são importantes, pois fornecem um mapeamento das contribuições, necessidades e *déficits* nas diferentes áreas do conhecimento, como também, possibilitam redefinir políticas de pós-graduação. É preciso destacar, ainda, que a análise da produção científica, nas diversas áreas do conhecimento, torna-se relevante, pois pode apontar lacunas e temas mais abordados e permitir que

> [...] o leitor de ciência, o professor, o próprio pesquisador e as agências de apoio possam ter uma atitude crítica em relação ao que se produz e reconhecer as razões do desenvolvimento diferenciado das várias áreas da ciência, construindo, dessa forma, não só a história da ciência, mas permitindo que se atue na busca do equilíbrio (BUFREM citada por OLIVEIRA, 1999, p.11).

Em função disso, há, nas diversas áreas do conhecimento, interesse pela análise e avaliação da produção científica e, na Educação Física, podemos identificar diversos estudos como Soares (2012); Silva (2017) e Prates et al., (2018). Nesse sentido, é importante ressaltar que esse trabalho se interessa pelo estudo da produção científica sobre dança na formação em Educação Física.

Para isso, realizou levantamento dos artigos publicados em revistas científicas da área entre os anos de 2000 e 2018, buscando produzir um “estado do conhecimento” sobre a temática, focalizando a produção em um único veículo e visando a identificar a quantidade de artigos publicados; a distribuição temporal da produção; a distribuição da produção por instituição; a distribuição da produção por tipo de autoria; a distribuição da produção por tipologia do texto; caracterização dos autores segundo o gênero e titulação, além de mostrar as temáticas tratadas nos artigos selecionados.

O interesse pelo estudo surge em função de minhas vivências, na área da dança, anteriores ao início de minha formação e, além disso, por ter conhecimento de que existem poucas publicações sobre o tema na área, pois, de acordo com Brasileiro (2015) e Prates et al., (2018) existe uma perceptível restrição e carência do objeto de estudo dança, e suas manifestações, em publicações em revistas da Educação Física. Assim, compreendo que este trabalho pode trazer contribuições na medida em que identifica e caracteriza os artigos sobre a dança na formação em Educação Física publicados nos últimos dezoito anos.

1.1 METODOLOGIA

Quanto aos objetivos, o estudo classifica-se como exploratório que, segundo Gil (2008, p.27) "[...] tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores". Quanto aos procedimentos adotados, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica que, segundo Lakatos; Marconi (2003, p. 183)

> [...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...].

Para a realização do estudo, foram selecionadas seis revistas científicas, editadas por instituições brasileiras, pertencentes aos extratos superiores do Qualis Capes (A1, A2, B1e B2) do quadriênio de 2013-2016, com coleção completa do período de 2000 a 2018, disponível *online*.

Para seleção do *corpus* de pesquisa, procedeu-se à leitura dos sumários de todos os números publicados pelas revistas que analisaram a dança na formação em Educação Física. Existindo dúvida com a leitura do título, procedeu-se à leitura do

resumo e foram excluídos aqueles que não apresentavam uma relação clara com a temática do trabalho.

2.AS REVISTAS CIENTÍFICAS COMO CANAIS DE DIVULGAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

De acordo com Campos (1999, p. 123), “[...] O produto da ciência pode ser apresentado de diversas formas como, livros, patentes, objetos, artigos, teses e outros, sendo que a produção científica mais comum, são os chamados textos”. O autor ainda aponta que os textos podem ser entendidos como a formalização da produção científica e buscam a construção do saber, pois, independente da área, visam a ser um veículo de informação para outros cientistas, se não o forem para a sociedade. Nesse sentido, os artigos publicados em revistas científicas ganham importância no contexto de divulgação da ciência.

Na visão de Malozze (1999, p. 117), as revistas científicas podem ser compreendidas como um “[...] veículo para a transferência do conhecimento científico. Tem características físicas, formais e discursivas específicas, que precisam ser cuidadas e pesquisadas”. Já Stumpf (1998, p. 2) explica que elas são “[...] publicações editadas em partes sucessivas, com indicações numéricas ou cronológicas, destinadas a serem continuadas indefinidamente”. Acrescenta, ainda, que correspondem a

> [...] uma das categorias das publicações seriadas que apresentam como características particulares serem feitas em partes ou fascículos, numeradas progressiva ou cronologicamente, reunidas sob um título comum, editadas em intervalos regulares, com a intenção de continuidade infinita, formadas por contribuições, na forma de artigos assinados, sob a direção de um editor, com um plano definido que indica a necessidade de um planejamento prévio (STUMPF, 1998, p. 2).

Stumpf (1998, p. 2), com base nos estudos de Machlup, Lesson *et al* (1978), informa, também, que existem dois tipos de periódicos, diferenciados apenas pelo público leitor. São eles os “*journals*” e os “*magazines*”. Os primeiros são publicações científicas, conhecidos também como revistas científicas ou

periódicos científicos; e os "*magazines*" são aqueles destinados ao público não especializado com leituras diversas.

O uso dos termos revistas e periódicos pode ser diferenciado, também, pelo tipo de profissional que os utilizam. Entre cientistas, estudantes e pesquisadores é mais comum o uso do termo "revistas científicas", já os bibliotecários preferem denominar como "periódicos científicos[1]" (STUMP, 1998).

Dentre os canais de comunicação da ciência, Malozze (1999, p.114) afirma que "[...] O periódico ainda é o veículo eleito pelo pesquisador, pelo acesso facilitado para a informação e a velocidade com que o trabalho científico possa ser-lhe apresentado", diferente das literaturas cinzentas[2], vistas por ele como sendo não convencionais e até mesmo efêmeras. Oliveira (1999, p. 14) acrescenta que os periódicos são escolhidos "[...] pela possibilidade de fornecerem, pela facilidade de produção e de divulgação, uma síntese de conteúdo, permitindo que o saber produzido atinja de forma rápida e efetiva a comunidade científica".

2.1 O SURGIMENTO DAS REVISTAS CIENTÍFICAS NO BRASIL

Freitas (2006), ao fazer um recorte temporal do Brasil Reinado até o Primeiro Império, conclui que as notícias sobre invenções, técnicas variadas e ciência, eram publicadas em canais hoje considerados não formais, como, folhetins, volantes e jornais cotidianos. De acordo com a autora, as correspondências eram os principais meios de comunicação entre os cientistas e agremiações científicas no século XVII, no Brasil, e o local onde o conhecimento mais especializado era comunicado, e são elas que dão origem às publicações científicas a um público

---

[1] Neste trabalho, utilizaremos os termos como sinônimos.

[2] O termo refere-se a documentos que têm pouca ou nenhuma probabilidade de serem adquiridos comercialmente, como atas de congresso, boletins, dissertação de mestrado, normas, patentes, publicações oficiais, relatórios técnicos, teses de doutorado (FUNARO; NORONHA, 2006).

amplo, porém específico (FREITAS, 2006). “[...] Tais modificações nos modos de fazer e relatar ciência somente foram possibilitadas pelo surgimento de uma nova concepção de saber e pela crença na idéia de progresso humano através desse conhecimento” (FREITAS, 1998, p. 54).

Antes do século XIX, escrever, no Brasil, era uma atividade voltada para um público minoritário, já que, naquela época, segundo Freitas (2006, p. 55) com base em Machado (2003, p.19), grande parte dos brasileiros não sabiam ler e escrever.

Vale ressaltar que

> O periodismo surge no Brasil no século XIX, quando são afrouxadas as amarras da política colonial portuguesa, com a inédita e instantânea transformação brasileira de colônia à sede da Corte, em 1808. Embora as condições artificialmente criadas tivessem o intuito de transplantar as instituições portuguesas para o Brasil, servindo às necessidades da Corte portuguesa, acabaram por iniciar a institucionalização da cultura brasileira e por estimular os brasileiros a elaborar uma identidade nacional e organizarem-se como nação (FREITAS, 2006, p. 55).

Para que isso ocorresse, centros científicos, comerciais, educacionais e políticos passaram a existir, além da criação de uma tipografia real para imprimir atos e decretos, dando origem, assim, à primeira “editora” brasileira, a *Impressão Régia*. É nesse momento colonial que surge a *Gazeta do Rio de Janeiro* com a função de informar assuntos científicos e outros, sendo considerado o primeiro periódico impresso no Brasil (FREITAS, 2006).

> Depois da *Gazeta do Rio de Janeiro*, surge *a Idade d’Ouro do Brasil,* na Bahia, assim como as revistas *As Variedades ou Ensaios de Literatura*, o primeiro jornal literário brasileiro, também na Bahia, e *O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil &c. do Rio de Janeiro* o primeiro periódico especialmente dedicado às ciências e às artes no país (FREITAS, 2006, p. 55).

A autora complementa afirmando que

> [...] Da chegada da Corte portuguesa até a década de 30, momento de grande transformação política e cultural do Brasil, poucos periódicos a comunicar as letras e as artes surgiram no cenário nacional, e os que surgiram tiveram vida breve. Essa ausência pode ser explicada pelo fato de que toda a estrutura administrativa, educacional e científica do país estava ainda sendo criada, e muitas vezes, apenas por decretos oficiais. Muitas instituições foram assim fundadas e, logo depois, abandonadas pelo governo.
> [...] A história do periódico científico no Brasil demonstra que a comunicação sistematizada da ciência somente ocorre de forma estável e duradoura se estiver atrelada a instituições de mesma ou semelhante finalidade, e também com certo nível de estabilidade, e não como atividades isoladas como havia sido até então. Isso é demonstrado pela existência de periódicos que começam a ser editados na década de 30, os quais foram órgãos de comunicação de sociedades científicas fundadas no Brasil a partir desse momento (FREITAS, 2006, p. 65).

De acordo com Gomes (2015), o início do século XX foi marcado pelo desafio de um novo regime político, pelos debates sobre cultura e ciência e pela ideia de universidade como lugar da ciência. Nesse contexto, afirma que, nas décadas de 20, 30 e 40, as revistas científicas brasileiras foram beneficiadas pela modernização do parque gráfico e das renovações técnicas e tecnológicas voltadas para a impressão gráfica no país. Já nas décadas de 50, 60 e 70, o autor ressalta que ocorreu a ampliação de contatos entre cientistas de diferentes países em condições de igualdade graças as revistas científicas voltadas para a difusão e informação do conhecimento científico.

2.2 A AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Em meio ao grande crescimento da massa informacional acadêmica e científica, Quartiero e Silva (2017) destacam que são necessários filtros que indiquem a importância de determinadas obras e permitam contribuir para a continuidade da pesquisa, além de exercer outras funções, tal como o reconhecimento de pesquisadores. Para eles

> [...] A análise do conteúdo publicado pode significar uma das maneiras confiáveis para explanar sobre avanços obtidos e qualidade de pesquisa, entretanto, outras formas são adotadas para observar o avanço da produção científica, como é o caso do desenvolvimento de indicadores numéricos e bibliométricos. Além da avaliação e quantificação do que se é produzido, o exame dos próprios canais de divulgação de informações pode fazer se imprescindível. A avaliação de periódicos científicos intenciona não somente aferir conceitos ou diagnósticos aos títulos, mas contribuir para a avaliação da produção e integrar alguns dos princípios de outros processos avaliativos, como os de profissionais e instituições (QUARTIERO; SILVA, 2017, p. 167).

De acordo com Oliveira (1999)

> [...] Qualquer que seja a forma de considerar ciência, é necessário que se repense o modelo utilizado para analisar e avaliar a qualidade e efetividade do conhecimento produzido em uma determinada área, ou mesmo qualidade do próprio produtor de ciência (OLIVEIRA, 1999, p. 9).

Segue afirmando, com base nos estudos de Le Pair (1995), que a atividade científica "[...] é em si mesma uma avaliação, pois na busca de melhores soluções para os problemas e questionamentos humanos, o pesquisador avalia conceitos, dados obtidos e teorias formuladas" (OLIVEIRA, 1999, p. 9).

No Brasil, com base nos estudos de Stumpf (1998), é possível perceber que a primeira tentativa de avaliação e controle das revistas científicas ocorreu em 1959 pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), que depois foi sucedido pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) em 1977. A autora ressalta que

> Em decorrência das orientações emanadas da Ação Programada (BRASIL. III Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1980), os órgãos de fomento à pesquisa - CNPq e FINEP - passaram a desenvolver programas específicos de apoio à publicação de revistas científicas nacionais (STUMPF, 1998, p. 6).

A partir dessa iniciativa surgiu o Programa de Apoio a Revistas Científicas do CNPq e FINEP com objetivo de apoiar ao menos uma revista brasileira de diversas áreas do conhecimento que tinha prestígio internacional. É nesse momento histórico, de final de século XX, que aparecem também as Fundações Estaduais de Amparo a Pesquisa, e em 1985, editores se reúnem para fundar a Associação Brasileira dos Editores Científicos (ABEC) para aprimorar os periódicos científicos e aperfeiçoamento da comunicação e divulgação sobre ciência Stumpf (1998).

Mas foi com o Projeto *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) criação conjunta do Fundo de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP), com o Centro de Informação das Ciências da Saúde para América Latina e Caribe (BIREME), que podemos hoje ter um acervo virtual dos periódicos científicos eletrônicos. Stumpf (1998, p. 9) descreve que esse projeto visou a "[...] preparação, armazenagem, disseminação e avaliação da literatura científica, cobrindo uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros, a serem disponibilizados online".

Em função da importância das revistas no cenário de comunicação da ciência, sua avaliação é necessária, sobretudo, se consideramos os problemas que atingem essas publicações, como dificuldades de controle de publicação, tempo curto de duração das revistas brasileiras, falta de comprometimento das instituições que as mantinham, faltas de programas especializados, falta de qualidade gráfica e edição, entre outros (STUMPF, 1998). Conforme a autora

> [...] os problemas de qualidade científica [...] precisam ser objeto de estudos, de políticas e de decisões, que incluam as revistas brasileiras como parte indispensável no processo de produção da ciência nacional (STUMPF, 1998, p. 9).

Domingos (1999, p.47) informa que "[...] A avaliação e análise da produção científica utilizando metodologia específica teve início na década de sessenta e vem evoluindo consideravelmente [...]". De acordo com Oliveira (1999, p. 14) a avaliação da produção científica "[...] permite dimensionar a extensão do

conhecimento em uma determinada área do saber humano, qualificando-o e caracterizando o avanço científico atingido, evidenciando as lacunas existentes".

O público que avalia o produto da ciência hoje, no Brasil, é constituído por professores, cientistas, técnicos, empresas, instituições como (FINEP, CAPES, CNPq) dentre outros. Cada um possui um modo peculiar de julgamento, porém baseiam-se em critérios que são comuns para a avaliação do produto (FREITAS, 1998). Freitas (1998, p.3) apoiada nos estudos de Castro (1986)

> [...] considera que o processo de avaliação de pesquisa tem duas vertentes [...]. A avaliação pelos pares, também conhecida como (*peer-review*), utilizada pela comunidade científica nacional e internacional que leva em consideração os pesquisadores da área, e os critérios avaliativos, baseados na bibliometria e cientometria.

Segundo expõe Macias-Chapula (1998), a Cienciometria é um segmento da sociologia da ciência que se dedica ao estudo dos aspectos quantitativos da atividade científica, incluindo a publicação, por meio da aplicação de técnicas bibliométricas à ciência. Expõe, ainda, que a Bibliometria é um meio de situar a produção de um país em relação ao mundo, uma instituição em relação a seu país e, até mesmo, cientistas em relação às suas próprias comunidades. Dessa maneira, os indicadores bibliométricos, combinados a outros, podem ajudar tanto na avaliação do estado atual da ciência como na tomada de decisões e no gerenciamento da pesquisa (MACIAS-CHAPULA, 1998).

Guardadas as diferenças teminológicas, alguns aspectos operacionais e campos de aplicação, observamos que a Cientometria e a Bibliometria apresentam, em comum, o fato de se ocuparem do desenvolvimento de metodologias para análise e construção de indicadores, com base em abordagem interdisciplinar. Assim, tomam como base indicadores construídos a partir de documentos publicados que são observados quanto à quantidade, autoria, citações e temas. Esses parâmetros são empregados como medidas indiretas da atividade da pesquisa científica e

contribuem para a compreensão dos objetivos da pesquisa, das estruturas da comunidade e do fluxo da comunicação científica (KOBASHI; SANTOS, 2006).

3.A DANÇA NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Com base em Rodrigues e Correia (2013), a dança pode ser compreendida como

> [...] um fenômeno polissêmico, ou seja, passível de múltiplas configurações sociais como, por exemplo, espetáculo, comunicação, ritualização, terapia, estilo de vida, exercício, entre outras possíveis significações. Também pode ser compreendida como uma manifestação antropológica e artística e, hoje, é considerada uma área de conhecimento autônoma com cursos específicos de formação acadêmico-científica e profissional (RODRIGUES e CORREIA, 2013, p. 1).

Para Natividade e Schmidt (2009, p.1110) ela é "[...] uma das primeiras formas de expressão manifestada pelo emocional humano, através de movimentos, ritmos e significados que variam segundo culturas, vivências e objetivos específicos." Já Nery et al. (2007) afirma que a dança pode ser compreendida como uma manifestação cultural, social e artística que ocupa espaços de produções sociais e científicas.

Em função desses diferentes entendimentos, Sborquia (2002) afirma que o conceito de dança mostra-se bastante amplo na literatura e como resultado revela dificuldades e divergências na área. Para ela, a dança é entendida como uma manifestação cultural que é atravessada pelo homem, cultura e sociedade, e que esteve e está presente desde os tempos imemoriais, já que, para se comunicar e se aquecer, o homem já batia os pés e as mãos ritmicamente.

Porém, é no período paleolítico superior que se encontram registros sobre a dança. Nessa época, marcada pelo individualismo, as únicas preocupações eram a procura de alimento e a luta pela sobrevivência.

> [...] Os homens, nesse período, acreditavam no princípio de que o semelhante atrairia o semelhante. Portanto, por meio da imitação, imaginavam atingir seus objetivos ou satisfazer suas necessidades mais imediatas. Por exemplo, dançavam ao redor da fogueira para que o sol brilhasse mais tempo, imitavam o trovão para provocar chuva e assim por diante (SBORQUIA, 2002, p. 7).

Segundo Sborquia (2002, p.7) “[...] A dança era uma das formas de existir, pois presidia os momentos mais significativos da existência: o nascimento, a morte, a colheita, a reprodução, a imolação.” Era uma forma do homem se afirmar em meio à sociedade. Entretanto,

> A dança atingiu seu apogeu na antigüidade pela integração com outras artes. Seus valores educacionais foram reconhecidos pelos filósofos como Homero, Sócrates, Platão, Pitágoras, entre outros. Mas seu declínio se dá com a decadência grega e o domínio romano, em que a dança só fazia parte de rituais religiosos. Os romanos contratavam professores gregos para ensinar coreografias a seus filhos e desse modo, a dança romana foi marcada pela repetição de movimentos alheios, por pantomimas e danças imitadas de outros povos. Essa forma de manifestação realizada pelos romanos levava a uma fragmentação da dança, que ocorria pela divisão do Homem - corpo - mente - alma -, nas culturas chamadas 'civilizadas' (SBORQUIA, 2002, p. 8).

No século IV, a dança foi banida da sociedade à medida que os missionários construíam igrejas nos locais de templos, e como consequência, tribos pagãs da Europa e da Ásia Menor se convertiam à religião cristã. Porém, a tradição de dançar se manteve com os camponeses que, mesmo temendo a punição, mantiveram-se fortes em suas tradições e costumes. Dançava-se para distração da vida monótona nos castelos, pela alegria de estar vivo e até por acreditar na exorcização de doenças, como foi o caso da Peste Negra.

No século XV, na Itália, para o divertimento da aristocracia, o balé nasce e se espalha por toda a Europa e, em 1700, é codificado por Pierre Beauchamp e a academia de dança, que a tornam academicista, ou seja, cada vez mais mecanizada e sem expressão de sentimentos e pensamentos, que só mudaram no século XIX (SBORQUIA, 2002). Nesse sentido, é importante ressaltar que

> [...] No final do século XIX e no início do século XX certezas seculares vacilavam. Todos os dogmas eram colocados em questão nas artes, nas ciências, nas sociedades e nas religiões. Depois da grande ruptura causada pela Primeira Guerra Mundial, a humanidade precisou descobrir uma nova linguagem para expressar as necessidades e sentimentos do século XX. A dança moderna surgiu através da contestação e rejeição do rigor acadêmico e dos artifícios do ballet clássico. Procurou-se uma nova relação da dança com a vida real, como decorrência da conscientização de que era necessário mais do que copiar, e muito mais que a mímica (SBORQUIA, 2002, p. 11).

Conforme informa Sborquia (2002, p.11), a dança moderna, "[...] passou a procurar métodos que dessem ao corpo meios de expressar seus sentimentos e idéias através de novas experiências de vida numa época nova e perturbadora da história."

Em meados do século XX, então, surge a dança contemporânea como uma mescla de linguagens artísticas, interpretativas e com uma nova ressignificação de outras manifestações dançantes. Como informa Barbosa (2011, p. 45), "[...] é importante que se diga que tanto a Dança clássica, como a moderna e a contemporânea têm suas origens na cultura erudita, a partir da ressignificação dos elementos da cultura popular".

Entretanto, é preciso considerar que este processo histórico sobre a dança não ocorreu igualmente em todo o mundo, até porque, diferentes povos continuaram com as suas manifestações dançantes, mas outros países do mundo, inclusive o Brasil, sofreram influências europeias. É importante considerar até aqui que a dança sempre esteve e está relacionada ao um pensamento correspondente da época (SBORQUIA, 2002).

Em 1926, nos Estados Unidos, Margareth H' Doubler cria um programa destinado à preparação de professores de dança, através do Departamento de Educação Física Feminina. Por meio desta iniciativa, outras universidades americanas como *Teachers College*, *Barnard College* e a Universidade de *New York*, deram inicio às

atividades relacionadas à dança, influenciando, mais tarde, outras nações (NANNI, 1997). A autora afirma que

> [...] Nos Estados Unidos, professores de educação física começaram a vislumbrar as potencialidades e o carácter da dança como forma de expressão criativa e rítmica, e com entusiasmo implementaram-na no ensino universitário e nos cursos de Educação Física (NANNI, 1997, p. 25).

A autora complementa afirmando que “[...] esse processo estabeleceu as bases para o movimento de organização do ensino de dança, ocorrido na década de 60 e 70” (NANNI, 1997, p. 25). Contudo, destaca que foi em 1970 que o “*The Dance Division Curriculum Commitee*” (Comitê de Currículos da Divisão de Dança), fez um estudo com o objetivo de evidenciar o que um professor de Educação Física precisava para ministrar uma aula de dança. Informa, ainda, que, em 1985

> [...] o Colóquio Internacional "O Lugar da Dança na Universidade," realizado em Paris-Sorbonne, trouxe à baila opiniões de diversos especialistas de vários países sobre a dança em outros cursos além do de educação física (COLLOQUE, 1996 apud NANNI, 1997, p.26).

Já nas Universidades brasileiras, Nanni (1997), com bases nos estudos de Knackfuss (1988), informa que a dança tem como pioneira Helenita Sá Earp, que introduziu, em 1940, a dança na Escola Nacional de Educação Física da Universidade do Brasil que, após essa data, passou a fazer parte do currículo dos cursos de licenciaturas em Educação Física. Antes disso, informa a autora, a dança era apresentada em forma de disciplina ou de cursos em outras áreas do conhecimento como: Artes Cênicas, Educação Artística, Música, Psicologia, dentre outras.

Sá Earp também foi responsável pela criação do “Sistema Universal de Dança” (SUD) que, segundo Nanni (1997, p.31), “[...] propõe como foco central para a

dança, nesses cursos, possibilitar uma melhor consciência corporal e uma melhor qualidade do movimento estético/artístico". Além disso, o sistema procurava uma melhor metodologia para o curso de formação profissional, saindo do predomínio da técnica. É importante ressaltar que

> [...] Após os anos 80, começaram a seguir novas concepções de dança e, em consequência, surgiram novas abordagens metodológicas. A Dança passa a ser denominada de Rítmica (UFRJ) Rítmica I e Metodologia da Rítmica (UERJ), Ritmo/Movimento (UFMG), Dança Educacional (UGF) Dança/Educação (FAMAth), dentre outras denominações, com metodologias diversas permeando conceitos diversificados decorrentes dessas nomenclaturas (NANNI, 1997, p. 32).

Sobre a rítmica, Brasileiro (2009, p. 39) em seu trabalho, reconhece que essa disciplina foi "[...] a primeira entrada oficial da dança na formação em educação física, pois seu programa apresentava as danças tradicionais ou populares como conteúdo, bem como questões ligadas ao ritmo".

Mas foi na Universidade Federal da Bahia (UFBA), que nasce, em 06 de março de 1956, ainda na década de 50, com reconhecimento pelo Parecer n° 167 em 27 de dezembro de 1962, do Conselho Federal de Educação, a primeira escola de dança do Brasil, oferecendo cursos de licenciatura, bacharelado e, posteriormente, mestrado em dança. Brasileiro (2009) esclarece que

> [...] o primeiro curso de dança do Brasil foi criado no ano de 1956 com a instalação da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia. Esse curso nasceu em um movimento de resistência à idéia de polivalência defendida pelo Governo Federal, desde a inserção da arte no ensino superior. No processo de consolidação do curso, houve inicialmente a formação em Dançarino Profissional e Magistério Superior correspondente à licenciatura, ambos aprovados em 1961, mas apenas em 1970 este último será designado Licenciatura em Dança (BRASILEIRO, 2009, p. 39).

A primeira escola de dança do Brasil ganhou visibilidade nacional e internacional e

se manteve, durante décadas, como a única em formação de dança no ensino superior, além de ser a pioneira, ao ofertar o primeiro Mestrado em dança do Brasil, em março de 2006 (BRASILEIRO, 2009).

3.1 O ENSINO DE DANÇA NO BRASIL

Segundo informa Pacheco (1998-1999, p. 3), “[...] Ao tratar do ensino da dança no Brasil, Dionísia Nanni (1995) comenta a vinda de vários artistas estrangeiros durante o século XIX que, no entanto, não fundaram escolas”. Porém, sabe-se hoje, pelo trabalho de Natividade e Schmidt (2009) com apoio nos estudos de Pereira e Hunger (2006), que o ensino da dança no Brasil se dá nos espaços de academias, clubes, escolas especializadas, escolas públicas e privadas, seja como atividades extracurriculares, ou como aulas de Artes e Educação Física no ambiente formal.

Vale ressaltar que, embora suas dificuldades e limites de ensino estejam presentes no momento de sua *práxis* - seja no ambiente formal ou informal - passando a ser objeto de estudos como revela Miranda (1994) e Pereira e Hunger (2009), o seu reconhecimento é notório. E, de acordo com Brasileiro (2009, p.120) “Nos cursos de educação física, a dança é entendida também como arte, ou seja, como expressão das manifestações artísticas que têm na dimensão corporal ou de movimento seu suporte”, e também como um conhecimento clássico e identificador da Educação Física brasileira, que pode ter seus estudos nas Instituições de Ensino Superior (IESs) com apoio histórico que a Educação Física lhe possibilitou.

Baseado nos estudos de Miranda (1994), Pereira e Hunger (2009), é possível concluir que a forma como a dança aparece na formação em Educação Física, atualmente, apresenta problemas que historicamente foram construídos e que fazem com que o (a) professor (a) em formação não saia preparado (a) para dar aula. As dificuldades mais encontradas são relacionadas com: preconceito dos

(as) professores (as) no ensino da dança; falta de investimento em pesquisa; hegemonia do esporte na área de formação; valorização do aspecto técnico/motor; falta de disciplinas nos currículos dos cursos de formação inicial; falta da dança como atividade extracurricular; falta de vivências práticas anteriores ao inicio da graduação, dentre outros (as).

Entretanto, mesmo existindo dificuldades e limites no entender e praticar o ensino da dança, seu reconhecimento no campo da Educação Física está ligado às contribuições que ela oferece. As contribuições que a dança possibilita ao sujeito são diversas. Brasileiro et al. (2015), baseados em dissertações e teses produzidas no Brasil, entendem que ela comporta valores culturais, sociais e pessoais situados historicamente; expressa ideias, sentimentos, emoções por meios do movimento; auxilia o ser a conhecer a si próprio; constitui-se como um instrumento educativo na disseminação do conhecimento; é produtora de prazer nas práticas de exercícios físicos e multifacetária.

Já Prates (2018), em seus estudos com base em Dantas (2005); Guzzo et al. (2015); Rocha e Rezer (2015), entende que a dança proporciona qualificar um olhar sensível para a educação; questiona padrões pré-estabelecidos para sua prática e é formadora do senso crítico.

Dessa maneira, compreendemos que a dança, conforme afirmam Brasileiro et al. (2015), pode ser um instrumento educativo importante na transmissão de conhecimento que acontece nos campos da Arte e da Educação Física, importante para formação e passa longe de ser somente uma reprodução de movimentos, visão equivocada que a reduz e a impede de ter um avanço analítico sobre o objeto de estudo.

Pelo fato de haver diferentes manifestações, Sborquia (2002, p. 16), divide a dança “[...] quanto a sua amplitude, quanto ao espaço-geográfico e quanto ao cunho ético-moral”. Para a autora, a dança quanto a sua amplitude pode ser dividida em danças raciais, étnicas, dança da moda, espetáculo, expressividade e recreação. Quanto ao espaço-geográfico, a dança pode ser dividida em danças

locais, regionais, nacionais, estrangeiras e internacionais; e as danças de cunho ético-moral dividem-se em danças representativas, danças expressivas e recreativas, danças sensuais, sexuais, eróticas e pornográficas.

Seja qual for a manifestação dançante e a sua classificação, a dança proporciona, em sua *práxis*, conforme aponta Silva (2017, p.16) com base em Ehrenberg, Fernandes e Batifische (2014) a capacidade de vivenciá-la e seus diversos conteúdos, o apoio mútuo entre o trabalho individual e coletivo e o incentivo à pesquisa para discussões em grupo e sócio interação.

Existe, ainda, no contexto da dança uma discussão que se refere a "quem deve ensinar dança", se é ou não um (a) profissional licenciado (a) em dança ou outro (a) professor (a). Com base em Brasileiro (2009, p. 115) ressaltamos a importância de não entrarmos “[...] numa discussão corporativista sobre quem deve ocupar esse espaço de intervenção, na perspectiva do que vem sendo apresentando pelo CONFEF [...]”. Porém, independente de quem seja o (a) ministrante do conteúdo, compartilhamos do posicionamento de Sborquia e Pérez Gallardo (2006) citados por Ugaya (2011, p. 53), ao informar que as competências necessárias para ministrar uma aula de dança são

> **a)Competência técnica:** adquirir saberes específicos sobre determinada área, neste caso a dança, para ter condições de socializar com seu aluno (história da dança, composição coreográfica, improvisação etc). **b)Competência pedagógica:** adquirir saberes para compreender o 'como', 'por que' e 'para que' ensinar; ter como princípio educativo a reflexão crítica; evitar que o aluno aprenda dança por meio da padronização e reprodução; estimular em seu aluno a análise e a reflexão crítica sobre as manifestações de dança, promovendo a ele conhecê-las e vivenciá-las, para assim ser capaz de construir sua própria dança. **c)Competência política:** saber analisar as formas pelas quais as políticas governamentais incorporam e promovem práticas particulares que legitimam e privilegiam algumas formas de conhecimentos e outra não; ser capaz de preparar o estudante para se manifestar através da sua própria voz e assim buscar transformar sua realidade. **d) Competência humana:** aprender a valorizar o saber acumulado pela humanidade na construção do conhecimento, articulando-o com a pesquisa e com o cotidiano de trabalho. O professor deve ser capaz de orientar e apoiar o seu aluno em seu crescimento como ser capaz de viver o auto-respeito e o respeito pelos outros.

Além disso, reforçamos a ideia de Pacheco (1998-1999) de uma produção de dança que

> [...] engloba sentidos bem mais amplos e complexos do que aprender uma coreografia ou decorar e executar uma seqüência de movimentos. A ‘dança pela dança’, no mínimo, é uma postura ingênua, pois toda dança comporta valores culturais, sociais e pessoais situados historicamente. Ignorar essas questões faz da dança uma repetição mecânica dos gestos, por mais agradáveis e belos que estes possam nos parecer. A utilização de outros aportes cognitivos que nos permitam melhor compreender o fenômeno dança (fisiologia, história, biomecânica, filosofia etc.) e o desenvolvimento de consciência crítica e reflexiva é que trazem significado ao dançar e ao fazer dança (PACHECO, 1998-1999, p.9).

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS

Para a realização do estudo, foram selecionadas seis revistas científicas, editadas por instituições brasileiras, pertencentes aos extratos superiores do *Qualis* Capes (A1, A2, B1e B2) do quadriênio de 2013-2016, com coleção completa no período de 2000 a 2018, disponível *online*.

Durante o período estudado, foram publicados pelas revistas selecionadas 5.161 artigos. Desses, 132 abordam a dança e oito tratam da dança na formação em Educação Física, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1 - Quantidade de artigos publicados nas revistas

REVISTAS	NÚMERO DE ARTIGOS PUBLICADOS	NÚMEROS DE ARTIGOS PUBLICADOS SOBRE DANÇA	NÚMEROS DE ARTIGOS PUBLICADOS SOBRE O TEMA
Movimento	992	40	2
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	950	9	1
Revista da Educação Física	867	10	0
Licere	797	15	0
Motrivivência	686	13	0
Pensar a Prática	869	45	5
TOTAL	**5.161**	**132**	**8**

O quantitativo de artigos sobre o tema estudado representa 0,15% da produção. A Pensar a Prática[3] foi a revista que publicou maior quantidade (cinco), seguida pela

[3]A Revista Pensar a Prática publica artigos pertinentes ao campo acadêmico-científico da Educação Física em interface com as Ciências Humanas e Sociais, em seus aspectos pedagógicos, históricos, socioculturais e filosóficos. É editada sob a responsabilidade institucional da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás e publicada em fluxo

Movimento[4] (dois) e Revista Brasileira de Ciências do Esporte[5] (um). A maior contribuição de publicações na Pensar a Prática pode estar relacionada ao seu escopo, já que a revista prioriza aspectos socioculturais e é editada pela Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás (UFG), que colabora com uma maior discussão sobre o tema específico.

Das seis revistas analisadas, três não publicaram artigos sobre o tema (Revista da Educação Física/UEM; Licere e Motrivivência). A tabela 2 apresenta os artigos sobre a temática encontrados no levantamento dos dados da pesquisa.

---

contínuo, com ISSN (Eletrônico) 1980-6183 e ISSN (Impresso) 1415-4676, desde 1998. (PENSAR A PRÁTICA, 2019)

[4] A revista Movimento é uma publicação científica da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, que conta com avaliação peer-review e permite acesso livre. Fundada em 1994, aborda temas relacionados ao campo da Educação Física em interface com as Ciências Humanas e Sociais, mais especificamente em seus aspectos pedagógicos, históricos, políticos e culturais (MOVIMENTO, 2019).

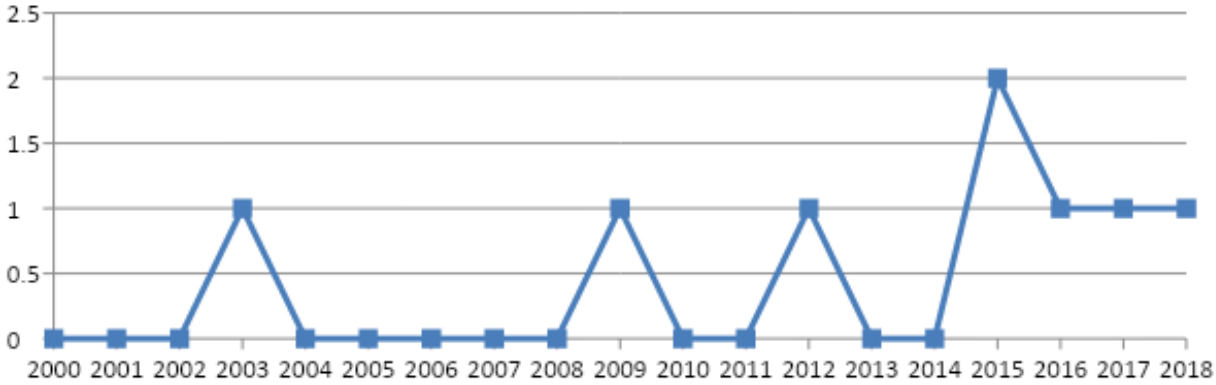
[5] A RBCE é [...] mantida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília (UnB) em parceria com a Elsevier, vem contribuindo com a tarefa de divulgar, mas, também, de intervir na produção de conhecimento em Educação Física/Ciências do Esporte. Ao longo da trajetória de sua publicação, a RBCE vem registrando a história da Educação Física brasileira a partir de diferentes olhares e concepções, de distintas abordagens, temas, objetos e problematizações, publicando artigos originais em português, espanhol ou inglês (RBCE, 2019).

Tabela 2 – Artigos selecionados

REVISTAS	VOLUME	NÚMERO	ANO DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO
Movimento	21	04	2015	ESTÉTICA, FORMAÇÃO INICIAL E DANÇA: UM OLHAR PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Movimento	22	01	2016	EXERCÍCIOS QUALITATIVOS DE AVALIAÇÃO COM RITMO, EXPRESSÃO CORPORAL E DANÇA NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	31	01	2009	HISTÓRIAS DAS PRÁTICAS DE DANÇA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFMG
Pensar a Prática	06	01	2003	EDUCAÇÃO ESTÉTICA E EDUCAÇÃO FÍSICA: A DANÇA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES*
Pensar a Prática	15	03	2012	RITMÍCA E DANÇA NOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Pensar a Prática	18	03	2015	AS DISCIPLINAS RÍTMICAS E DANÇANTES NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESTADO DO PARANÁ
Pensar a Prática	20	04	2017	CONTRIBUIÇÕES DA DANÇA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ 1
Pensar a Prática	21	02	2018	A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA: SABERES PROPOSTOS NA FORMAÇÃO INICIAL

A distribuição temporal dos artigos ao longo de 2000 a 2018, pode ser observada no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Distribuição temporal dos artigos



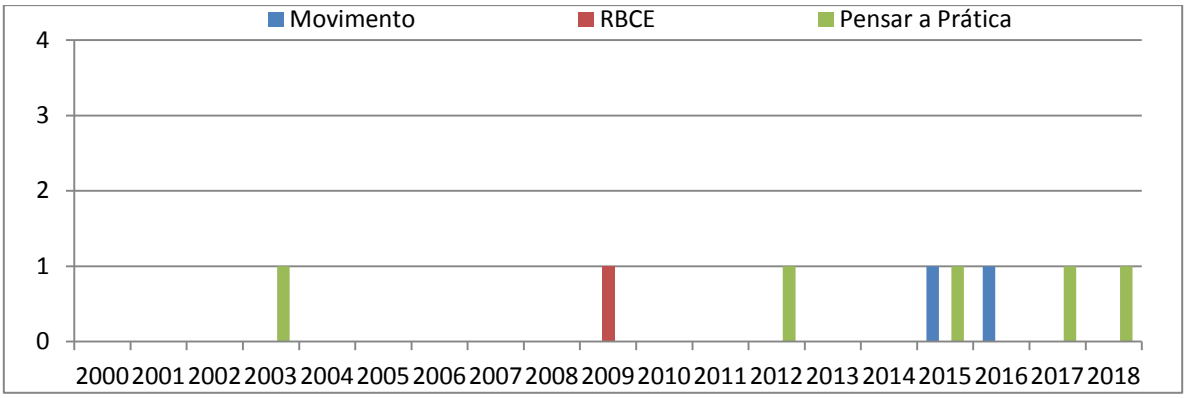
Nos período de 2000 a 2010, foram publicados apenas dois trabalhos (2003 e 2009) intitulados “Educação estética e educação física: a dança na formação de professores” e “Histórias das práticas de dança na escola de educação física da UFMG”. De 2011 a 2018, foram identificados seis artigos: “Estética, formação inicial e dança: um olhar para a formação de professores de educação física”; “Exercícios qualitativos de avaliação com o ritmo, expressão corporal e dança na formação em educação física”; “Rítmica e dança nos currículos dos cursos de educação física”; “As disciplinas rítmicas e dançantes nos cursos de licenciatura em educação física do estado do Paraná”; “Contribuições da dança na formação inicial de professores de educação física da Universidade Federal do Piauí” e “A dança na educação física: saberes propostos na formação inicial”.

Nesse período, destaca-se o ano de 2015, com duas publicações sobre o tema. Em seguida, os anos de 2012, 2016, 2017 e 2018, com uma publicação em cada ano. É possível perceber, no Gráfico 1, que a maioria das publicações foram registradas no período de 2011 a 2018 representando um total de 75%.

A distribuição temporal dos artigos, por revista, no período de 2000 a 2018, pode

ser observada no Gráfico 2.

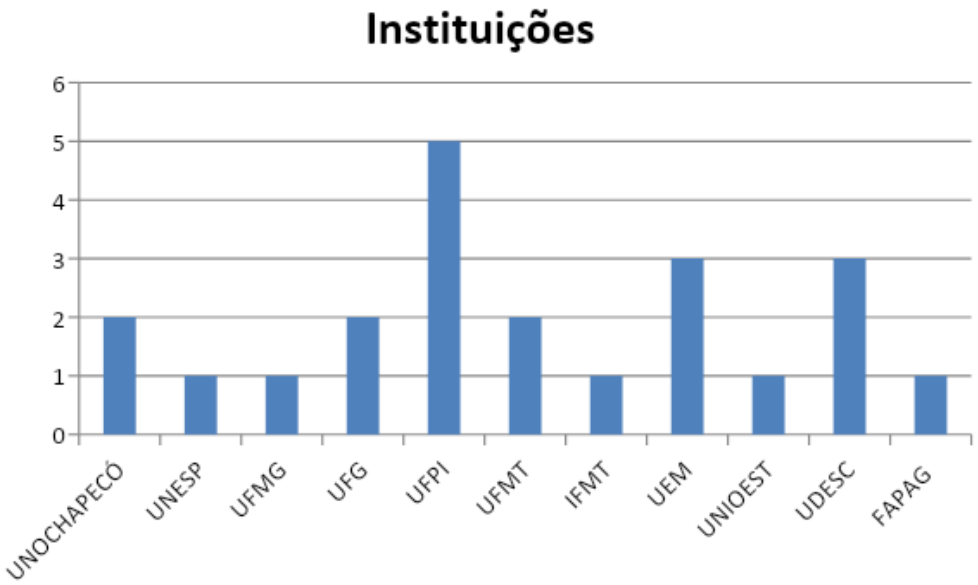
Gráfico 2 - Distribuição temporal dos artigos por revista



Na distribuição da produção por revista, nos dezoito analisados, observamos, que a Pensar a Prática publicou cinco artigos, distribuídos nos anos de 2003, 2012, 2015, 2017, 2018. Em seguida, aparece a revista Movimento, com a publicação de dois artigos, um no ano de 2015 e outro em 2016. Por último, percebemos que a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), publicou apenas um artigo no ano de 2009.

Buscamos identificar, também, a distribuição da produção pela filiação institucional dos autores (Gráfico 3) a fim compreender quais instituições contribuem para a discussão da temática “dança na formação em educação física”.

Gráfico 3 - Distribuição dos autores pela filiação institucional



Inicialmente, identificamos oito artigos escritos por 22 autores de onze instiuições brasileiras. Ganham destaque a Universidade Federal do Piauí (UFPI) com cinco autores (22,7%), seguida da Universidade Federal do Maringá (UEM) e a Universidade Estadual do Estado de Santa Catarina (UDESC) com três autores cada instituição (13,6% para cada).

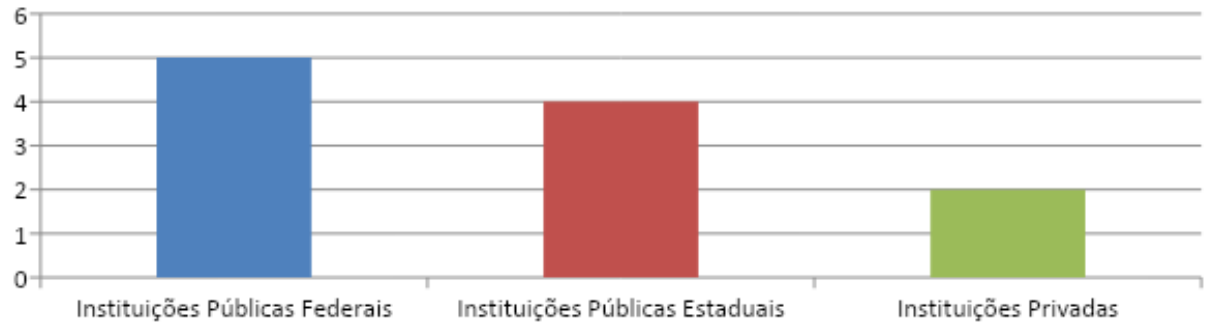
A Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), Universidade Federal de Goiás (UFG) e a Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) aparecem com dois autores (9,09%). Já a Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOEST) e a Faculdade Porto das Águas (FAPAG) aparecem com um (a) autor (a) (4,54) para cada instituição.

É necessário explicar que a maior número de autores da UFPI, ocorre em função da autoria coletiva, tendo em vista que cinco assinam um artigo sobre o tema, em 2017 (“Contribuições da dança na formação inicial de professores de educação física da Universidade Federal do Piauí”). Contudo, identificamos, também que a Universidade oferece cursos de extensão na área de dança (“Corpo de Dança da

UFPI" [6] (2014) e o "A dança em saúde na UFPI" [7] (2019)) que demonstra interesse pela área e pode, inclusive, ter estimulado a escrita do artigo.

Na análise da distribuição da produção pela natureza da instituição (pública federal, pública estadual e privada) temos o seguinte resultado no (Gráfico 4):

Gráfico 4 - Distribuição da produção pela natureza da instituição



Conforme demonstrado no Gráfico 4, as instituições públicas aparecem como vínculo da maior parte dos autores dos artigos sobre "dança na formação em educação física" nos dezoito anos analisados (UNESP, UFMG, UFG, UFPI, UFMT, IFMT, UEM, UNIOEST, UDESC). De onze instituições no total, apenas duas são privadas (UNOCHAPECÓ, FAPAG).

---

[6] O projeto proporciona aos alunos da universidade práticas de extensão de forma articulada com o ensino e a pesquisa, ofertando às comunidades envolvidas o acesso à prática da dança, ampliando a democratização do ensino e aprendizado desta atividade e oportunizando comportamento criativo e expressivo dos estudantes envolvidos no Corpo de Dança da UFPI. (UFPI, 2019). Disponível em: <https://www.ufpi.br/ultimas-noticias-ufpi/5812-projeto-de-extens%C3%A3o-%22corpo-de-dan%C3%A7a-da-ufpi%22>. Acesso em: 16 de novembro de 2019.

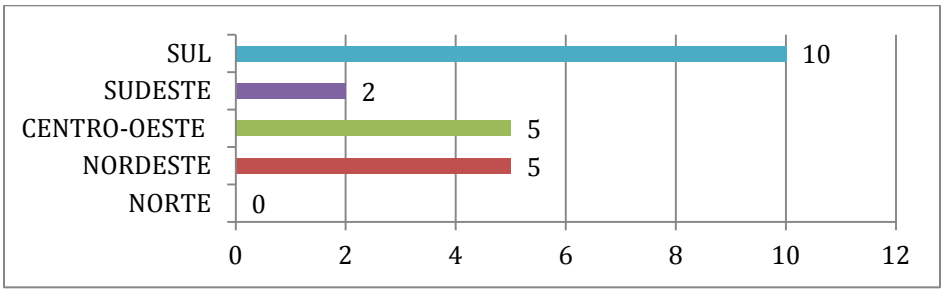
[7] O protejo tem como objetivo estimular o movimento criativo e a espontaneidade de cada um, promovendo a comunicação e a integração entre as pessoas; propiciar o relacionamento em grupo, respeitando as diferenças e o indivíduo como ser humano; e reconectar a fluidez e a integração corpórea, flexibilizando padrões de rigidez corporal que resistem as mudanças. (UFPI, 2019). Disponível em: <https://www.ufpi.br/ultimas-noticias-ufpi/33434-inscricoes-abertas-para-o-projeto-de-extensao-a-danca-em-saude-na-ufpi>. Acesso em: 16 de novembro de 2019.

Ao analisar conjuntamente as entidades públicas federais com as estaduais encontramos nove instituições (81,8%). Uma possível explicação para esse fato pode ser a prevalência das Instituições de finalidade pública na ciência, por contribuírem mais com pesquisas em diversas áreas do conhecimento, conforme afirma a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

> Nas universidades públicas, os programas de pós-graduação e grupos de pesquisa, que contam com financiamento das agências estaduais [...] e federais (CNPq, Capes e Finep), bem como uma boa infraestrutura de pesquisa instalada, estão entre os principais fatores que impulsionam a produção científica (FAPESP, 2010, p.27).

A distribuição dos autores por região das instituições de filiação está ilustrada no Gráfico 5.

Gráfico 5 - Distribuição dos autores por região



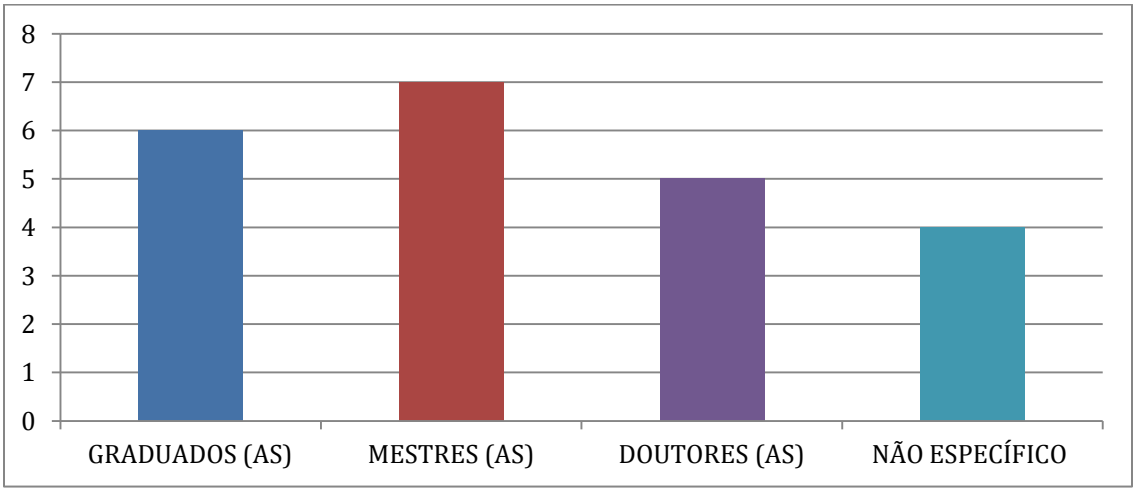
Dos 22 autores, dez são da região sul do Brasil (45,4%), cinco da região centro-oeste, cinco do nordeste (22,7% cada) e dois são da região sudeste (9%). No levantamento dos dados percebemos que não houve autores da Região Norte do país e esse fato pode ser explicado por Alencar (2014) ao afirmar que

> […] Os pesquisadores da Educação Física da Região Norte não recebem investimentos porque não conseguem ter a produtividade requerida pelas agências de fomento. Sem investimentos tem dificuldades em desenvolver e socializar as pesquisas. Tem dificuldades em participar de eventos científicos e em publicação dos resultados, já que na Região não há programas de mestrado e doutorado, nem periódicos com altos níveis *qualis* (ALENCAR, 2014, p.28).

Segundo a autora (2014, p.29) restam aos "[...] professores-pesquisadores as poucas possibilidades de participação em outros programas e grupos de pesquisa e o fomento interno das instituições amazônicas". Para ela há a necessidade de políticas mais eficientes que contemplem a região assim como as principais instituições dos centros econômicos do país.

A caracterização dos autores pela titulação é apresentada no Gráfico 6. Importante destacar que, para esse levantamento, foram registrados os dados informados pelos autores nos artigos publicados.

Gráfico 6 - Distribuição dos autores pela titulação

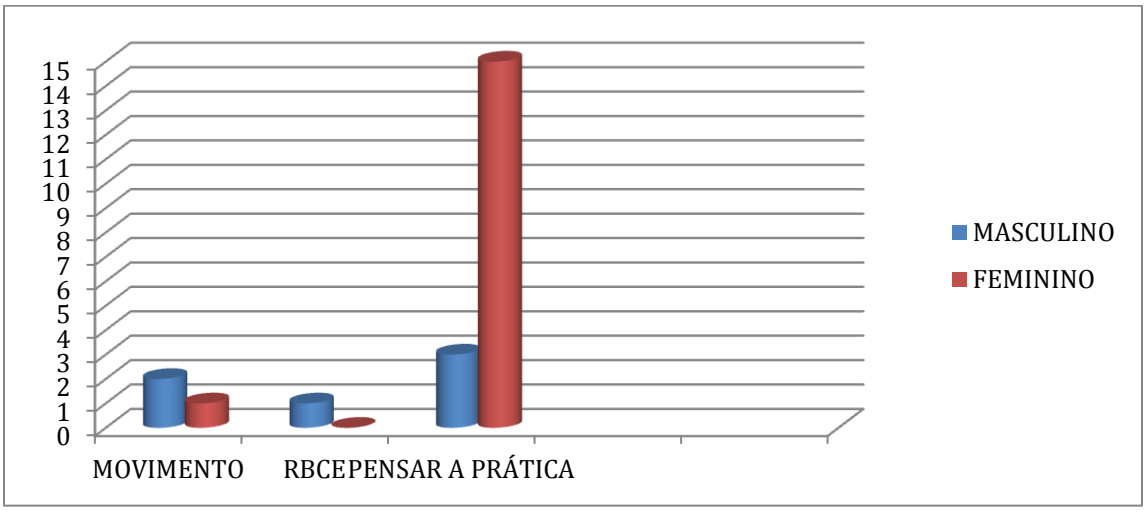


Dos 22 autores identificados, seis (27,27%) possuem graduação, sete (31, 81%) mestrado e cinco (22,72%) doutorado. Não foi possível identificar a titulação de quatro autores (18,18%).

Dos autores em que foi possível identificar a titulação, observamos que mestres e doutores aparecem em maior número (doze). Esse resultado pode estar relacionado à participação deles na pós-graduação, evidenciando a relação entre a produção científica e pós-graduação.

Na análise dos autores, por revista, considerando o gênero (masculino e feminino), temos a seguinte distribuição (Gráfico 7).

Gráfico 7 - Distribuição dos autores por gênero por revista



Dos 22 autores que publicaram sobre a temática nas três revistas (Movimento, RBCE e Pensar a Prática), identificamos dezesseis mulheres (72,7%) e seis homens (27,2%). Na Movimento aparece uma mulher (4,54%) e dois homens (9,09%) e somente um homem (4,54%) publicou na RBCE.

A distinção da produção por gênero fica evidente na revista Pensar a Prática, onde três homens (13,6%) e quinze mulheres (68,1%) publicaram material sobre o tema “a dança na formação em educação física”. Percebemos que, além de existir um maior número de publicações na Pensar a Prática, existe também um maior número de mulheres que publicam sobre o tema.

É necessário explicar que existe um processo histórico que legitimou as mulheres

nesse campo. Segundo Brasileiro (2009, p.26) a dança “[...] foi chamada a compor os conteúdos ligados ao ensino das mulheres, por entender que possuía gestos feminilizantes, suaves, belos, não viris”. Somente depois de algum tempo que ela passa a compor o currículo dos homens na Educação Física.

Destaca-se com base em Brasileiro (2009, p.27), que antigamente nos currículos masculinos eram “[...] previstos os exercícios militares, que eram ritmados pela contagem, lembrando que estes podiam ser associados às danças pírricas, que eram danças de guerreiros, de batalhões de guerra, de combates”.

Essa diferenciação curricular presente em uma sociedade patriarcal ajudou legitimar um maior interesse do conteúdo dança pelo público feminino, trazendo com ela mazelas que podem ser observadas nas aulas de danças e nas escolhas de seus conteúdos. As dificuldades presentes na diferenciação de ensino da dança por gênero podem ser analisadas nos estudos de Andreoli (2010).

Ao caracterizarmos os artigos pelo tipo de autoria, identificamos a seguinte distribuição (Tabela 3).

Tabela 3 - Autoria dos artigos

REVISTA	**TIPO DE AUTORIA**			
	INDIVIDUAL		**COLETIVA**	
	Nº	**%**	**Nº**	**%**
MOVIMENTO	1	0,5	1	0,17
RBCE	1	0,5	0	0
PENSAR A PRÁTICA	0	0	5	0,83
TOTAL	**2**	**100**	**6**	**100**

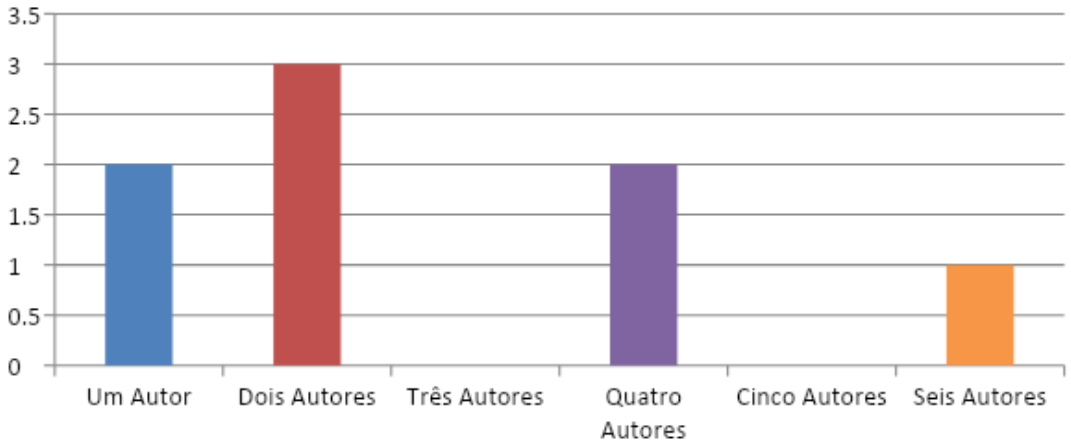
Os dados encontrados corroboram com a afirmação de Vanz e Stump (2010, p.51) de que “[...] A colaboração científica é um fenômeno antigo, que vem crescendo em todas as áreas da Ciência e em todos os países”. De acordo com Garcia et al.,

(2010, p.560) baseado no estudo das autoras Vanz e Stump (2010) alguns fatores podem motivar a colaboração científica, como

> [...] aumentar a popularidade científica, a visibilidade e o reconhecimento pessoal dos autores envolvidos e, consequentemente, o aumento dos índices de produtividade; (b) racionalizar o uso da mão-de-obra científica e do tempo dispensado à pesquisa; (c) reduzir a probabilidade de erro e aumentar a possibilidade de "ataque" aos grandes problemas de pesquisa a partir da maior discussão dos resultados e também da colaboração de especialistas de diversas áreas por meio de trabalhos multidisciplinares, ou seja, da justaposição e da articulação de conhecimentos, conceitos e teorias advindos de diferentes disciplinas; (d) obter e/ou ampliar financiamentos, recursos, equipamentos especiais e materiais; (e) aumentar a própria experiência por meio da troca de expertises com outros cientistas; (f) unir forças para evitar a competição entre instituições de pesquisa; (g) treinar pesquisadores e orientandos; (h) buscar opiniões externas para confirmar ou avaliar um problema; (i) promover a maior divulgação da pesquisa; (j) manter a concentração e a disciplina no trabalho até a entrega dos resultados ao resto da equipe; (k) compartilhar o entusiasmo por uma pesquisa; (l) trabalhar próximo de outros pesquisadores com os quais estabeleceu laços de amizade [...]. (VANZ e STUMP, 2010 apud GARCIA et. al., 2010, p.560)

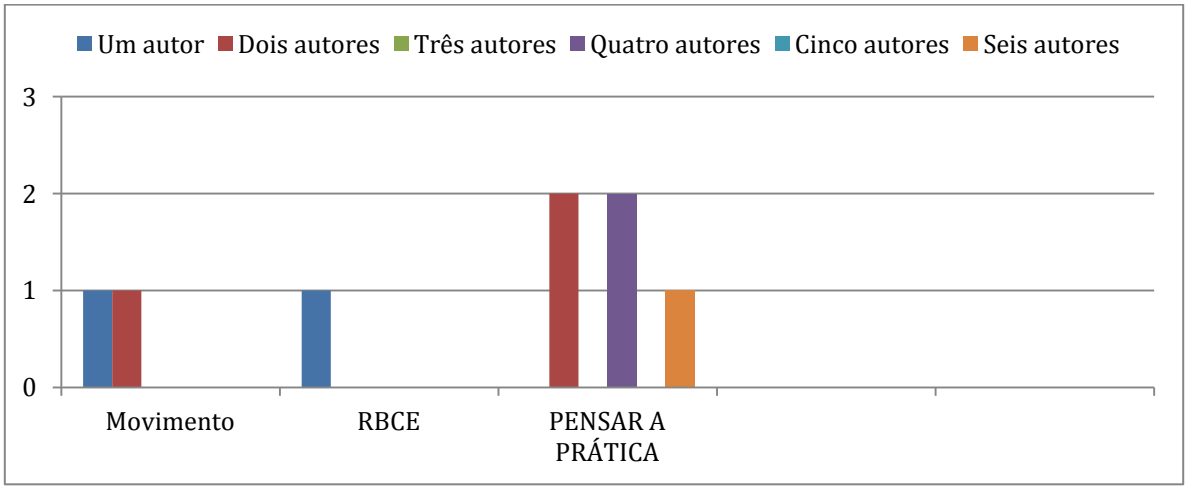
A distinção da produção por tipo de autoria está apresentada no Gráfico 8.

Gráfico 8 - Distribuição da produção por tipo de autoria



Dos oito artigos publicados, dois (25%) foram escritos por um autor, três (37,5%) foram assinados por dois autores, dois artigos (25%) por quatro autores e um artigo (12,5%) por seis. Não identificamos textos que tratassem da temática com três ou cinco autores. Observamos também, a distribuição da produção por tipo de autoria nas revistas presente no Gráfico 9.

Gráfico 9 - Distribuição da produção por tipo de autoria nas revistas



Dos dois artigos publicados na revista Movimento, um foi escrito por um autor e outro por dois autores. Na Revista Brasileira de Ciências do Esporte apenas um trabalho foi encontrado com autoria individual. Na Pensar a Prática, identificamos cinco artigos em colaboração científica (2 artigos escritos por dois autores, 2 com quatro autores e 1 com seis). A última revista analisada corrobora com os estudos de (Vanz e Stump; Garcia et al., 2010) que revelam que a coautoria vem aumentando ao longo dos anos.

Buscamos, também, identificar os textos encontrados segundo sua tipologia. Para isso, registramos a classificação utilizada pelas próprias revistas e verificamos que todos os textos selecionados foram classificados como artigos originais, evidenciando, portanto, que as revistas têm priorizado a publicação de artigos originais e isso pode ser resultado de um processo de adequação do formato e do conteúdo da revista para sua submissão em bases indexadoras nacionais e internacionais, tendo em vista que há orientação para priorização de artigos originais (SOUZA; PAULA, 2002). Além disso, como afirma Tani (2014) os artigos originais desempenham papel importante no crescimento e consolidação científica da área.

4.1 TEMAS ABORDADOS NOS ARTIGOS

Buscando compreender os temas discutidos nos artigos selecionados para o estudo, realizamos a leitura dos textos visando a identificar aproximações e distanciamentos, bem como a contribuição que eles dão para a discussão da temática abordada. Assim, dividimos os artigos em duas categorias, sendo eles: temas diretos (temas diretamente relacionados à dança na formação em Educação Física) e temas transversais (temas transversais à formação em Educação Física e dança.

Na categoria denominada temas diretos identificamos o artigo *“Estética, formação inicial e dança: um olhar para a formação de professores de educação física”*,

escrito por Rocha e Rezer (2015) que propõe a reeducação dos sentidos dos professores em formação inicial em Educação Física, por meio da teoria estética adorniana e a dança como possibilidades no momento da *práxis* da aula em Educação Física. Resultado de uma dissertação de mestrado do programa de pós-graduação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), estuda a dança para possibilitar uma formação mais humana e menos técnica, tendo como base as discussões sobre arte, cultura e filosofia. Segundo os autores, a Teoria Estética de Theodor W. Adorno pretende

> [...] explorar a dimensão estética do humano através de um saber sensível, nos propondo um encontro do próprio "eu" (experiência vivida) com a realidade (realidade vivida), promovendo novas formas de conhecimento sob o critério da sensibilidade (ROCHA e REZER, 2015, p. 868).

Sensibilidade essa que pode estar presente na ação pedagógica para a formação de um (a) professor (a) mais cultural a fim de que resulte em sujeitos críticos e reflexivos. Para os autores, a dança, assim como outras manifestações da cultura corporal é reconhecida pela teoria

> [...] como fundamental para sua atuação docente, que aborda pedagogicamente manifestações da cultura corporal de movimento, denota uma experiência indispensável, que se manifesta como uma possibilidade de qualificar sua intervenção, bem como de elevar a sensibilidade a uma dimensão humana imprescindível para a atuação docente neste campo (ROCHA e REZER, 2015, p.870).

Os autores acreditam que tornando a EF uma prática pedagógica em busca de uma experimentação sensível de mundo, produzida na cultura corporal de movimento, seja possível criar explicações que vão além da racionalidade, [...] "enriquecendo o repertório cultural do (a) professor (a)" (ROCHA e REZER, 2015). Afirmam, ainda, que a dança é um tema privilegiado para se aproximar dessa estética na formação inicial, pois a mesma faz parte de uma tríade composta por

dança, educação e estética que possibilita entender saberes racionais e sensíveis, como “entender e saber o porquê de ensinar a dança (dimensão racional), e também abrir possibilidades para sentir a dança enquanto possibilidade estética do mundo humano (dimensão estética)” (ROCHA; REZER, 2015, p.873). É importante destacar que

> [...] a dança na formação inicial em EF é uma possibilidade de pensar questões estéticas que sustentem uma discussão cultural de e para a formação humana no sentido amplo, que integre várias áreas do conhecimento de forma crítica e reflexiva, permitindo a criação de novos espetáculos no palco educacional através da emancipação para transformação da educação, da formação cultural e do mundo. (ROCHA e REZER, 2015, p.875)

Ainda nessa categoria, identificamos o texto *“Educação estética e educação física: a dança na formação de professores”*, de Júnior e Lima (2003) que investiga a relação do ensino da dança por meio das visões dos (as) professores (as) em formação do primeiro e quarto período de EF da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os autores apontam que “[...] há uma parcela considerável de professores de Educação Física que vem negligenciando a disciplina Dança em suas aulas e, além disso, tratando-a de forma preconceituosa” (JUNIOR e LIMA, 2003, p. 32).

Os autores tentam entender as percepções e dificuldades que os (as) alunos (as) trazem sobre a dança, apostando em uma dança que procure uma estética emocional, que saia dos movimentos meramente técnicos que foram racionalmente criados e afirmam que é necessário ressaltar que

> [...] O equilíbrio entre os pólos racional e emocional pode levar a uma educação crítica, que tenha de um lado a racionalidade, base da sociedade moderna ocidental, e de outro a possibilidade de mantermos viva nossa identidade cultural, pelo caminho da experimentação estética [...] (JÚNIOR e LIMA, 2003, p.37).

O artigo intitulado *“Rítmica e dança nos currículos dos cursos de educação física”,* de Amorim et al., (2012), verificou a importância da disciplina rítmica/dança, na

formação profissional em Educação Física, em Santa Catarina, por meio da percepção de 1151 alunos da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) e Universidade do Contestado (UNC). O resultado do trabalho revela que

> [...] a maioria dos alunos afirma que utilizaria o conteúdo de atividades rítmicas em suas aulas de EF como tema complementar, o que é bem positivo, pois mostra que estes entenderam que a função do professor não é formar bailarinos e/ou atletas, mas sim propiciar o aprendizado para o ensino nas escolas. (AMORIM et al., 2012, p. 752).

Os resultados da pesquisa realizada pelas autoras mostram que o espaço físico para ministrar uma aula de dança é um fator motivacional para o (a) professor (a) em formação e que existem preconceitos por parte de professores homens.

O artigo intitulado *"Contribuições da dança na formação inicial de professores de educação física da Universidade Federal do Piauí"* desenvolvido por Nery et al., (2017), analisou, por meio de um questionário aplicado a quatorze estudantes do projeto "Corpo de Dança da UFPI", suas contribuições à formação profissional em Educação Física. As perguntas norteadoras utilizadas buscavam levantar

> [...] que contribuições os projetos propostos pelas instituições brasileiras de ensino superior estão oferecendo no processo de formação de professores de Educação Física para o trato com a dança no mercado de trabalho? Além disso, como tais projetos atuam junto aos acadêmicos, de forma a prepará-los para a aplicação significativa desse conteúdo, contemplando as esferas do ensino, da pesquisa e da extensão? (NERY, et al., 2017, 794)

Nery et al., (2017, p.793) citam a dança como "[...] grande manifestação cultural, social e artística na vida cotidiana do ser humano", além de ser uma das manifestações sócio-culturais mais antigas manifestadas pelo homem e discutem diretamente sobre a dança na formação em Educação Física revelando suas

potencialidades na vida acadêmica dos (as) estudantes da Universidade Federal do Piauí.

Segundo os autores (2017, p. 797) os "[...] resultados revelaram que as atividades rítmicas e expressivas servem de base para o desempenho profissional da metade dos acadêmicos estudados", sendo uma excelente didática para atuar no mercado de trabalho de forma reflexiva e criativa.

Moreira e Barbosa (2018), autores do artigo "*A dança na educação física: saberes propostos na formação inicial"* tinham

> [...] como objetivo identificar quais saberes relativos à Dança são considerados importantes na formação do profissional em Educação Física no Estado de Mato Grosso na opinião dos professores responsáveis pelo seu ensino (MOREIRA e BARBOSA, 2018, p.265).

Concluíram que

> [...] os professores entendem como importante que os acadêmicos conheçam e aprendam elementos que tornem a dança mais presente na escola, bem como seja mais valorizada pedagogicamente, a partir das vivências na sua formação. (MOREIRA e BARBOSA, 2018, p.264).

Os saberes que os docentes acreditam ser necessários para trabalhar com dança, estão relacionados ao ritmo, tempo, espaço, peso dentre outros. Segundo Moreira e Barbosa (2018, p.266) "[...] a Dança e a Educação Física têm como um dos pontos em comum a relação direta com o corpo, com a vivência e o domínio do movimento".

Dentre os artigos que foram incluídos na categoria temas transversais, identificamos o texto intitulado *"Exercícios qualitativos de avaliação com o ritmo, expressão corporal e dança na formação em educação física"* escrito por Alves (2016) e que tem por objetivo discutir os efeitos das intensidades vividas na

formação acadêmica em Educação Física nas disciplinas de “atividades rítmicas e expressivas e dança”. As disciplinas usadas como objeto de estudo, fazem parte do curso de EF da Universidade Estadual Paulista (UNESP), vivenciadas nos primeiros períodos.

Os campos de investigação/discussão dessas intensidades que despertaram inquietações no autor, são os “[...] trabalhos coletivos, monitorias em dança, processos criativos, montagens e apresentações artísticas”, como relata Alves (2016, p.75) que afirma que

> [...] os jogos rítmicos e expressivos e as aulas de dança fogem aos limites da objetividade, pois trazem como proposta o exercício da sensibilidade, da criatividade e da expressão corporal dentro do contexto da produção artística. (ALVES, 2016, p.76)

Na tentativa de compreender o que essa sensibilidade proporciona através das experimentações dos diferentes movimentos citados, o autor faz uso de registros escritos pelos (as) alunos (as) que participaram das práticas das disciplinas e destaca que percebeu que o trabalho coletivo dos (as) estudantes, possibilitou “[...] uma sensibilização coletiva que permitiu a instalação de outros níveis relacionais diferentes daquele no qual impera a vigência dos preconceitos e das convenções” Alves (2016, p.81).

Além disso, informa que os alunos compreenderam que dançar não é uma simples reprodução de movimentos, mas também segundo o mesmo (2016, p.83), “é também explorar as possibilidades de movimento, dando plena vazão à criatividade e à expressão corporal”.

O artigo *“Histórias das práticas de dança na escola de educação física da UFMG”* escrito por Campos (2009), analisa os primeiros 25 anos das práticas de dança na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na Escola de Educação Física, a partir do ano de 1952, compreendendo como foram produzidos estereótipos que

vincularam a dança ao gênero feminino, e por consequência desse processo, ouve o afastamento do gênero masculino dessa prática.

Campos (2009, p.195) com referência nos estudos de Kanitz Júnior (2003), revela que “[...] Os currículos dos cursos eram divididos por sexo, ou seja, eram distintos para homens e mulheres”. É possível identificar no trabalho que a dança, no período de 1952 a 1962, nesse *lócus* investigativo, não era um “componente curricular explícito” e somente com sua vinculação à disciplina ginástica rítmica que passou a ser inserida no curso como atividade de teoria e prática.

É importante destacar que, por meio dos documentos que o autor usou para escrever seu trabalho, disponíveis no Centro de Memória da Educação Física da UFMG, descobriu que ações vinculadas ao gênero feminino eram “ameaçadoras” à imagem de virilidade do homem e destaca que

> [...] Era como se qualquer manifestação semelhante ao modo feminino trouxesse risco à imagem do homem viril, gerando uma ameaça ao seu referencial de poder, demonstrando fraqueza e inferioridade, algo não aceito numa cultura tipicamente patriarcal (Muszkat, 1998) (apud CAMPOS, 2009, p.202).

Somente com a mudança do currículo masculino substituindo o nome dança por rítmica e incluindo-a na grade curricular dos homens, que se pode ter um avanço simbólico na época, simbólico porque mesmo havendo a sua inclusão, na sua *práxis*, era comum existir classificações dos movimentos por gêneros, além de existir práticas discriminatórias feitas por alunos que não faziam as aulas àqueles que faziam.

A obra *“As disciplinas rítmicas e dançantes nos cursos de licenciatura em educação física do estado do Paraná”* escrita por Pizani et al (2015),buscou identificar as aproximações e distanciamentos das diretrizes curriculares de educação básica do Paraná, através de documentos de doze instituições que oferecem curso licenciatura em educação física, para verificar como as disciplinas

de rítmicas/danças estão presentes nesses cursos ofertados. As autoras identificaram

> [...] diversos aspectos relativos à organização e implementação das disciplinas rítmicas e de dança, entre eles, a carga horária, o número de disciplinas, as ementas, os conteúdos abordados, os objetivos e os referenciais teóricos [...] (PIZANI et al., 2015, p.533)

Para Pizani et al (2015, p.539), “a dança se constitui um conteúdo recente em muitos currículos de graduação em educação física e ainda encontra dificuldades em se efetivar no contexto escolar”. Embora o trabalho das autoras não seja específico na área do bacharelado em EF, discorre acerca da dança nas diretrizes curriculares que são bastante relevantes na formação.

5.CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos artigos publicados pelas revistas durante o período analisado, apenas oito tratam sobre o tema abordado, representando (0,15%) da produção. A Pensar a Prática foi a que publicou maior quantidade (5), seguida da Movimento (2) e Revista Brasileira de Ciências do Esporte (1). O fato de uma maior contribuição de publicações da revista Pensar a Prática sobre o tema está relacionado ao seu escopo.

Na distribuição temporal, destaca-se o ano de 2015, com duas publicações. A Região Sul se destaca por possuir o maior número de autores (10) e a UFPI como a instituição com maior filiação (5). As universidades públicas são as que detêm o maior número de publicações (7). Na caracterização dos autores, verificamos que os oito artigos foram escritos por vinte e dois autores. Desses, seis são homens e dezesseis são mulheres. Do total de autores em que foi possível identificar a titulação (18), sete são mestres que foram responsáveis por cinco publicações (62,5%).

Após análise dos dados, chegamos à conclusão que existe um pequeno número de publicações sobre a temática “dança na formação do professor de educação física”, o que corrobora a informação de Brasileiro (2015) e Prates et al., (2018), revelando que são necessários mais estudos na área. Além disso, durante a coleta dos dados, percebemos que o número de trabalhos relacionados à dança na formação do bacharel em Educação Física é praticamente nulo, podendo ser objeto de estudo.

Diante disso, acreditamos que o trabalho colabora com a discussão sobre dança na formação em Educação Física na medida que apresenta as características da produção e por mapear os assuntos abordados nos artigos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, J. C. P. M. **A produção do conhecimento sobre a temática corpo e cultura: um panorama na região norte do Brasil**. Rev. ARQUIVOS em MOVIMENTO, Rio de Janeiro, Edição Especial, v.10, n.1, p.21-38, jan/jun 2014.

ALVES, B. H. **Aportes bibliométricos à produção científica nos principais periódicos da área de ciência da informação do Brasil no período de 2006-2010**. 2013. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013.

ALVES, F. S. **Exercícios qualitativos de avaliação com o ritmo, expressão corporal e dança na formação em educação física**. Movimento, Porto Alegre, v. 22, n. 1, 75-88, jan./mar. de 2016.

AMORIM, D. C. et al. **Rítmica e dança nos currículos dos cursos de educação física**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 15, n. 3, p. 551820, jul./set. 2012.

ANDREOLI, G. S. **Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural**. Conjectura, Caxias do Sul, v. 15, n. 1, p. 107-118, jan./abr. 2010.

BARBOSA, E. A. **A dança na formação de professores de educação física: saberes e conhecimentos na intervenção profissional**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

BRASILEIRO, L. T. **Dança – educação física: (in)tensas relações**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de educação, São Paulo.

BRASILEIRO, L. T.; SOUZA, T. K.; FRAGOSO, A. R. F. **Produção de conhecimento sobre dança e educação física no Brasil: analisando dissertações e teses**. In: XIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 19., 2015, Vitória-ES. **Anais**...Vitória: CBCE, 2015, p.1-17.

BURITI, M. do S. L.; BURITI, M. de A. Análise da produção científica via currículo de uma docente-pesquisadora. In: WITTER, G. P. **Produção Científica em Psicologia e Educação**. (p. 171-182). Campinas, SP: Editora Alínea, 1999.

CAMPOS, K. C. de L. Análise de títulos do periódicos paradigma. In: WITTER, G. P.**Produção científica em Psiclologia e Educação**. Campinas, SP: Editora Alinea, 1999.

CAMPOS, M. A. A. **Histórias das práticas de dança na escola de educação física da UFMG**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 31, n. 1, p. 193-208, setembro 2009.

COSTA, C. F. D.; SILVA, S. M. G. **Análise da articulação entre as políticas de ampliação do acesso ao ensino superior e de incentivo à inovaçao no Brasil nos Governos Lula e Dilma**. In Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais-CBEO (5.: ago. 2018: Curitiba-BR-PR). **Anais**..[recurso eletrônico]. Curitiba, PR: SBEO/UFPR, 2018.

DOMINGOS, N. A. M. Perspectivas da produção científica da pós-graduação em Psicologia da PUC-Campinas. In: WITTER, G. P. **Produção científica em Psicologia e Educação**. Campinas, SP: Editoria Alínea, 1999. p. 79-102.

FAPESP - FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Análise da produção científica a partir de publicações em periódicos especializados**. In:____. **Indicadores de ciência, tecnologia e inovação em São Paulo.** São Paulo, 2010, cap. 4, p.1-71 Disponível em: http://www.fapesp.br/indicadores/2010/volume1/cap4.pdf. Acesso em: 26 abril. 2010.

FREITAS, M. H. D. A. (1998). **Avaliação da produção científica: considerações sobre alguns critérios**. Psicologia Escolar e Educacional, 2(3), 211-228.

FREITAS, M. H. **Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros**. Ci. Inf., Brasília, v. 35, n. 3, p. 54-66, set./dez. 2006.

FUNARO, V. M. B. de O.; NORONHA, D. P. **Literatura Cinzenta: canais de distribuição e incidência nas bases de dados**. In: POBLÁCION, S. A. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. M. da (Org.) **Comunicação e produção científica**: contexto, indicadores, avaliação. São Paulo: Angellara, 2006.

GARCIA, C. C. et al. **Autoria em artigos científicos: os novos desafios*.** Ver. Bras. Cir. Cardiovasc. 2010; 25(4): 559-567.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. 1. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, R. M. M. **Periódico Científico como fonte para História das Ciências no Brasil: a Revista Brasileira de Psicanálise (1976)**. In: XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. 27 a 31 de julho de 2015. Florianópolis/SC.

JUNIOR, L. M. G.; LIMA, L. M. **Educação estética e educação física: a dança na formação de professores**. Pensar a Prática 6: 31-44, Jul./Jun. 2003.

KOBASHI, N.Y; SANTOS, R. N. M dos. **Institucionalização da pesquisa científica no Brasil: cartografia temática e de redes sociais por meio de técnicas bibliométricas**. Transinformação, Campinas, v. 18, n. 1, p. 27-36, 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed., São Paulo, Atlas, 2003. 183p.

MACIAS CHAPULA, C. A. **O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional**. Ciência da Informação, Brasília, v. 27, n. 2, p. 134-140, maio/ago. 1998.

MARANI, V. H.; PRATES, L. F. L; SBORQUIA, S. P. **A produção do conhecimento em dança contemporânea em periódicos da educação física brasileira**. Caderno de educação física e esporte, v.16, n.2, p. 101-112, 2018.

MIRANDA, M. L. D. J. **A dança como conteúdo específico nos cursos de educação física e como área de estudo no ensino superior**. Rev. paul. Educ. Fis., São Paulo, 8 (2):3-13,Jul./dez. 1994.

MIRANDA, R. D. C. F.; ENRENBERG, M. C**. Compondo percursos gestuais: a dança na formação inicial de professores de Educação Física**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 33, n. 66, p. 177-192, out./dez. 2017.

MALOZZE, G. L. M.Produção cientifica: periódicos.In: WITTER, G.P.**Produção cientifica em psicologia e educação**. Campinas,SP: Editora Alínea, 1999. P.103-122.

MOREIRA, E. C.; BARBOSA, E. A. **A dança na educação física: saberes propostos na formação inicial**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 21, n. 2, abr./jun. 2018.

MOVIMENTO. Disponível em: < https://seer.ufrgs.br/Movimento>. Acesso em: 16 de novembro de 2019.

NANNI, D. **Dança na formação do professor de educação física: luxo ou necessidade ?!...**. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

NATIVIDADE, T. C. T.; SCHMIDT, A**. Processo de formação em educação física e a atuação como professor de dança informal**. estudos, Goiânia, v. 36, n. 9/10, p. 1109-1124, set./out. 2009.

NERY, S. S. S. et al. **Contribuições da dança na formação inicial de professores de educação física da Universidade Federal do PiauÍ**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 20, n. 4, out./dez. 2017.

PACHECO, A. J. P. **Educação física e dança: uma análise bibliográfica**. Pensar a Prática 2: 156-171, Jun./Jun. 1998-1999.

PENSAR A PRÁTICA. Disponível em: < https://www.revistas.ufg.br/fef>. Acesso em:16 de novembro de 2019.

PEREIRA, M. L.; HUNGER, D. A. C. F. **Limites do ensino de dança na formação do professor de educação física**. Motriz, Rio Claro, v.15, n.4, p.768-780, out./dez. 2009.

PIZANI, J. et al. **As disciplinas rítmicas e dançantes nos cursos de licenciatura em educação física do estado do Paraná**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 18, n. 3, jul./set. 2015.

PRATES, L. F. D. L. et al., **A produção do conhecimento em dança contemporânea em periódicos da educação física brasileira**. Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 2, p. 101-112, jul./dez. 2018.

QUARTIERO, E; SILVA, E. L. **Perfil dos periódicos brasileiros mantidos por IES e sistema Qualis: análise dos títulos indexados na Web of Science e Scopus**. **InCID**: R. Ci. Inf. e Doc., Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 156-181, set. 2016/fev. 2017.

RBCE. Disponível em: < http://www.rbceonline.org.br/>. Acesso em: 16 de novembro de 2019.

ROCHA, D. D.; REZER, R. **Estética, formação inicial e dança: um olhar para a formação de professores de educação física**. Movimento, Porto Alegre, v. 21, n. 4., p. 865-876, out./dez. de 2015.

RODRIGUES, B. M.; CORREIA, W. R. **Produção acadêmica sobre dança nos periódicos nacionais de educação física**. Ver. Bras. Educ. Fís. Esporte, (São Paulo) 2013.

SBORQUIA, S. P. **A dança no contexto da educação física: os (des)encontros entre a formação e a atuação profissional**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, São Paulo, Campinas.

SILVA, A. C. et al. **A produção científica em educação física de 2001 a 2010: caminhos da construção de um campo**. Movimento, Porto Alegre, v.23, n. 3., p. 869-882, jul./set. de 2017.

SILVA, V. G. D. **O ensino da dança no ensino superior: uma realidade do curso de educação física**. 2017. 65f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Departamento de Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, Rio Grande do Sul, 2017.

SILVEIRA, S. C. S. D.; NOGUEIRA, M. A. **Saberes docentes da dança**. Uberlândia v. 1 2 n. 2 p. 270-280 ago.| dez. 2016.

SOARES, M. C. et al. **Análise da produção de conhecimento da educação física brasileira sobre o cotidiano escolar**. RBPG, Brasília, v.9, n. 17, p. 491 – 516, julho de 2012.

STUMPF, I. R. C**. Reflexões sobre as revistas brasileiras**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 3, p. 1-10, janeiro/junho 1998.

TANI, G. Editoração de periódicos em Educação Física/Ciências do Esporte: dificuldades e desafios. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n.4, p. 715-722, 2014.

UFPI. Disponível em: < https://www.ufpi.br/>. Acesso em: 16 de novembro de 2019.

UGAYA, A. D. S. **A dança na formação docente em educação física**. 2011. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.

VANZ, S. A. D. S.; STUMP, I. R. C. **Colaboração científica: revisão teórico-conceitual**. Perspectivas em Ciência da Informação, v.15, n.2, p.42-55, maio./ago. 2010.

WITTER, G. P. **Produção Científica em Psicologia e Educação**. 1. Ed. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 1999.